Artículo en PDF
Como citar este artigo
Número completo
Mais artigos
Home da revista no Redalyc

Sistema de Información Científica
Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal

REHMLAC
Revista de Estudios Históricos de la Masonería Latinoamericana y Caribeña

“A consolidação e a transformação do mito da “conspiração maçônica” em terras brasileiras”

Luiz Mário Ferreira Costa

Conselho Científico: Miguel Guzmán-Stein (Universidad de Costa Rica), José Antonio Ferrer Benimeli (Universidad de Zaragoza), Margaret Jacob (University of California Los Angeles), María Eugenia Vázquez Semadeni (University of California Los Angeles), Eduardo Torres Cuevas (Universidad de La Habana), Céline Sala (Université de Perpignan), Roberto Valdés Valle (Universidad Centroamericana “José Simeón Cañas”), Andreas Önnerfors (University of Leiden), Carlos Martínez Moreno (Universidad Nacional Autónoma de México)

Editor: Yván Pozuelo Andrés (IES Universidad Laboral de Gijón)

Diretor: Ricardo Martínez Esquivel (Universidad de Costa Rica)

Endereço da Web: rehmlac.com/
E-mail: info@rehmlac.com
Caixa postal: 243-2300 San José, Costa Rica

REHMLAC **ISSN 1659-4223** | **46**
Vol. 3, Nº 1, Mayo 2011-Noviembre 2011

Data de recebimento: 13 de janeiro de 2011 - Data de aceitação: 05 de março de 2011

Palavras chave
Maçonaria, conspiração, narrativas, antimaçonismo, Igreja Católica.

Keywords
Freemasonry, conspiracy, narratives, anti-mason, Catholic Church.

Resumo
O objetivo deste artigo é demonstrar como ocorreu a consolidação da narrativa antimaçônica no Brasil, a partir do episódio que ficou conhecido como “Questão Religiosa”. Neste sentido, a análise dos textos publicados – durante e depois do conflito – contra a Maçonaria torna-se elementar para o entendimento da história desta narrativa. Também serão observadas às pressões vindas de Roma condenando a Maçonaria, assim como às transformações presentes no interior dos elementos constitutivos destes textos.

Abstract
The aim of this paper is to demonstrate how the consolidation of Anti-Masonic narrative in Brazil occurred from the episode known as "Religious Question". In this sense, huge volumes of texts were produced against Freemasonry around the world. Also, we can see that the presence of the Roman condemnation of Masonery was elemental in the transformations present in the analyzed texts.

© Luiz Mário Ferreira Costa y *REHMLAC*.

Luiz Mário Ferreira Costa. Brasileiro. Historiador. Mestre pelo Programa de Pós- Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Brasil. Contato: luizmariofc@gmail.com.

Citado:

Academia.edu

AFEHC. Asociación para el Fomento de los Estudios Históricos en Centroamérica

Departamento de Filosofía de la Universidad Centroamericana “José Simeón Cañas”

Dialnet (Universidad de la Rioja)

Directorio y recolector de recursos digitales del Ministerio de Cultura de España

Google académico

Latindex. Sistema Regional de Información en Línea para Revistas Científicas en América Latina, el Caribe, España y Portugal. Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM)

Nuevo Mundo. Mundos Nuevos

REDIAL. Red Europea de Información y Documentación sobre América Latina

SID. Sistema Integrado de Documentación. Universidad Nacional de Cuyo

UBO. Revues en ligne. Service Commun de Documentation, Université de Bretagne Occidentale

Universia. Biblioteca de Recursos

Tipo de licença
“Reconhecimiento- Não comercial- Compartilhar igual”

REHMLAC ISSN 1659-4223 | 48
Vol. 3, Nº 1, Mayo 2011-Noviembre 2011

"A consolidação e a transformação do mito da "conspiração maçônica" em terras brasileiras"

Luiz Mário Ferreira Costa

Introdução

No Brasil das últimas décadas, pode-se observar que a história da Maçonaria passou por um profundo processo de amadurecimento teórico-metodológico, com emprego de novos enfoques e novos modelos interpretativos. Consequentemente, diante desta "renovação", surgiu o interesse em aprofundar-se no campo das narrativas contrárias à Ordem dos Pedreiros-Livres. Desde então, a história dos discursos e imagens que condenavam e degeneravam a própria instituição passou a despertar um interesse crescente entre alguns historiadores.

Para Raoul Girardet, estas narrativas surgiram da associação feita entre a Maçonaria e a ideia de "conspiração", uma característica peculiar das sociedades que vivenciaram momentos conturbados de crise e de grande tensão social. Segundo o autor, numa realidade coproduzida "a lógica da manipulação se vê substituindo a imprevisibilidade da história". [1]

Quanto à construção do mito da conspiração, Girardet destacou três tipos diferentes de narrativas onde a ideia do complô se faz presente. A primeira forma refere-se ao "complô judaico", identificado pela "profecia do velho rabino diante de seus companheiros". A profecia tratava de um plano metódico de conquista do mundo, realizado pelo povo de Israel contra o resto da humanidade.[2] Na segunda teoria conspiratória, eram os jesuítas que planejavam dominar o mundo. Assim, como analisou Girardet, o princípio essencial sobre o qual repousava o temível poder da Companhia de Jesus era "a traição no lar, a mulher espiã do marido, a criança, da mãe. ..[3] E a terceira narrativa, que mais nos interessa, denominada por Girardet como mito da "conspiração maçônica", adquiriu seus principais fundamentos teóricos a partir das obras do abade francês Augustin de Barruel em fins do século XVIII. Para o clérigo, a gênese e a conduta da Revolução Francesa eram essencialmente atribuíveis às maquinações da franco-maçonaria. Uma maquinação dirigida neste caso por uma seita particular, a dos *Iluminados da Baviera*, que se havia infiltrado e apoderado do controle da Ordem maçônica. [4]

A "Questão Religiosa" e a difusão da narrativa antimaçônica no Brasil

Na perspectiva da historiadora Eliane Lucia Colussi, no Brasil oitocentista pode-se identificar pelo menos dois projetos ideológicos opostos. O primeiro foi consubstanciado pela

[1] Raoul Girardet, *Mitos e mitologias políticas* (São Paulo: Companhia das Letras, 1987), 33.
[2] *Ibíd.*, 35.
[3] *Ibíd*., 37.
[4] *Ibíd.*, 32.

REHMLAC ISSN 1659-4223 | 49
Vol. 3, Nº 1, Mayo 2011-Noviembre 2011

influência das correntes de pensamento liberal e cientificista que transpunha para a esfera da política e da cultura a defesa de noções como racionalismo, progresso e modernidade, representada, sobretudo, pela Maçonaria. O segundo projeto, uma reação do catolicismo mundial frente aos avanços do liberalismo, que, no Brasil, reuniu os defensores do pensamento católico-conservador.[5]

Este último, como bem observou Luiz Eugênio Véscio, pretendia impor à religiosidade popular os princípios definidos no Concilio de Trento. A Igreja reformada esperava reverter o quadro de decadência e ignorância no qual se encontrava a doutrina católica. Suas ações efetuaram-se através do regramento do clero, da criação de grandes redes escolares católicas, da expulsão dos padres maçons que não abjurassem a Maçonaria e da suspensão dos trabalhos das irmandades e confrarias que estivessem sob suspeita de influência maçônica, criando assim o terreno perfeito para ocorrer aquilo que veio a se chamar Questão Religiosa. [6]

Naquilo que tange, especificamente à Questão Religiosa, David Gueiros Vieira destacou que diversos elementos entraram em choque e ocasionaram o conflito.[7] Essa agitação não teve lugar somente no Brasil, mas por toda a Cristandade. Em sentido geral, o conflito foi, de um lado, uma colisão do galicanismo, jansenismo, liberalismo, Maçonaria, racionalismo e o protestantismo, todos vagamente "aliados" contra o conservantismo e ultramontanismo da Igreja Católica do século XIX.

No Brasil a Igreja Católica aos poucos efetivava um profundo movimento de renovação e afirmação de sua doutrina, caracterizado pela reafirmação do escolasticismo, pelo restabelecimento da Sociedade de Jesus (1814) e por uma série de encíclicas, bulas e alocuções que foram fulminantemente lançadas contra o que a Igreja considerava serem elementos errôneos e tendências perigosas dentro da religião e da sociedade civil. [8]

Como nos informa Vieira, os mais ilustres mestres do escolasticismo e tomismo na primeira parte do século XIX foram o padre português Patrício Muniz (1820-1871) e o italiano Mons. Gregório Lipparoni, que haviam estudado em Roma. Cumpre ressaltar, entretanto, que o ultramontanismo do Padre Muniz não era intransigente. Entre os ultramontanos radicais, dois foram de grande influência, como os padres Luís Gonçalves dos Santos e William Paul Tilbury. O primeiro, cognominado "Padre Perereca", foi talvez o mais vocifero dos ultramontanos no Brasil. Entrou em violentas disputas com o Padre Feijó sobre o projeto legislativo que daria permissão aos padres brasileiros de se casarem. O Padre Perereca atacou Feijó com termos insultantes, aos quais Feijó revidou à mesma altura. Tanto o Padre Tilbury como o padre Perereca têm o crédito de terem sido um dos pioneiros da narrativa antimaçônica no Brasil. Em 1826, Tilbury publicou *Exposição Franca Sobre a Maçonaria*. A contribuição do padre Perereca foi em forma de uma

[5] Eliane Lúcia Colussi, *A Maçonaria Gaúcha no Século XIX* (Passo Fundo: Editora UPF, 2000), 12.
[6] Luiz Eugênio Véscio, *O crime do Padre Sório: Maçonaria e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1893-1928)* (Santa Maria: EDUFSM; Porto Alegre: EDUFRGS, 2001), 88-89.
[7] David Gueiros Vieira, *O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa Brasil* (Brasília: Editora Universidade de Brasília), 16.
[8] Vieira, 32.

REHMLAC ISSN 1659-4223 | 50
Vol. 3, Nº 1, Mayo 2011-Noviembre 2011

série de cartas publicadas nos jornais do Rio de Janeiro contra a Maçonaria e o jornal o *Despertador Constitucional*.[9]

O folhetim intitulado de *Antídoto Salutifero contra O Despertador Constitucional…* que circulou na década de 1820 dá o tom do seu discurso antimaçônico.

> Carta Primeira. (Quinta do Corcovado aos 15 de Abril de 1825)
> Senhor Despertador Constitucional. Com grande prazer, e satisfação dou a V.S. os sentimentos do mau sucesso, que teve na defesa, que fez, da sua decantada, e venerável Ordem Maçônica: igualmente me congratulo com todos os Brasileiros honrados, amantes da Religião, do Império, da Verdade, e do Bem Público, de que V.S., em lugar de tosquiar, tivesse ficado de tal modo tosquiado, que lhe levaram pele, e cabelo. [10]

Entre os ultramontanos estrangeiros que mais influenciaram a formação de várias gerações de ultramontanos brasileiros, encontramos os lazaristas que, em 1821, fundaram o Colégio Caraça, em Tejuco (Diamantina hoje) em Minas Gerais. Vários lazaristas franceses foram importados para lecionar no mencionado colégio. Os jansenistas, galicanos e liberais de todos os matizes se revoltaram contra a volta dos frades estrangeiros. O Deputado Bernardo Pereira de Vasconcelos foi um dos primeiros a protestar contra esse retorno e apresentou uma "indicação" propondo que se recomendasse ao governo a execução das leis que, "pra sempre", tinham abolido no Império do Brasil a Sociedade de Jesus. Vasconcelos foi secundado por Raimundo José da Cunha Matos, que dizia estarem jesuítas voltando ao país, a convite do Gabinete, e que esses jesuítas estavam regressando disfarçados em capuchinhos e lazaristas.[11]
Os debates no Parlamento sobre a presença de frades estrangeiros no Brasil continuaram por muito tempo. Em face do que foi debatido na Câmara durante esse período, diríamos que o consenso entre os jansenistas, galicanos de todas as espécies e liberais, no Parlamento brasileiro, era que o ultramontanismo representado pelas ordens religiosas estrangeiras não deveria ser importado e, se já estivesse no Império, deveria ser confinado aos conventos e nunca lhe ser permitido "contaminar" o povo com "ideias absolutistas". O Deputado baiano José Lino Coutinho expressou, em poucas palavras, o que os liberais desejavam: "O Brasil, Sr. Presidente, precisa de estrangeiros que lhe venham trazer a indústria e as artes", disse ele, o que devemos "é dar à mocidade uma educação de verdadeiros católicos mais livres de preconceitos; devemos ensinar-lhes a religião de Jesus Cristo e não a hipocrisia". Por essa razão, Coutinho se opunha à importação de frades e exigia outro tipo de imigração para o Brasil. [12]

---

[9] *Ibíd.*, 34.
[10] Antídoto Salutifero contra O Despertador Constitucional Extranumerário No. 3. Dividido em sete cartas dirigidas ao Auctor d'aquelle folheto impio, revolucionário, e execravel. Para beneficio da Mocidade Brasileira, especialmente da Fluminense, por hum seu patricio fiel aso deveres, que lhe impõe a religião, e o Imperio. Lisboa: Impressão Regia, 1827. (Impressa no Rio de Janeiro) [BNL – RES 1695 [1]-V – Reservados]
[11] Vieira, 36.
[12] *Ibíd*., 37.

REHMLAC ISSN 1659-4223 | 51
Vol. 3, Nº 1, Mayo 2011-Noviembre 2011

Em 1864, as teses ultramontanas foram sistematizadas na Encíclica *Quanta cura* e no *Sillabus*, anexo à mesma. Portanto, grosso modo, pode se dizer que o ultramontanismo do século XIX colocou-se, não apenas numa posição a favor de uma maior concentração do poder eclesiástico nas mãos do papado, mas também contra uma série de coisas que eram consideradas erradas e perigosas para a Igreja.[13] Entre esses "perigos" estavam: o galicanismo, o jansenismo, o protestantismo e a Maçonaria.

No Brasil, o ultramontanismo conquistou setores importantes da Igreja. Essa "vitória" foi em parte alcançada quando os bispos conseguiram o direito de suspender qualquer clérigo *ex-informata conscientia* (Decreto n°. 1911 de 28 de março de 1857), sem que o clérigo afetado pudesse apelar para a Coroa, bem como quando obtiveram o controle dos Seminários. Com o seu desejo de obter para o país um clero bem mais educado, mandou para a Europa um grande número de seminaristas brasileiros que absorveram ideias ultramontanas nos seminários da França e da Itália. Ao voltarem ao Brasil, esses jovens em pouco tempo conquistaram posições de liderança dentro da Igreja. Muitos deles chegaram a bispo em pouco tempo. A verdade é que, pelos idos do Concílio Vaticano I (1869-1870), todos os bispos brasileiros e seus colegas latino-americanos eram ultramontanos e se juntaram na defesa das "Constituições Dogmáticas" que estabeleciam a "Fé Católica" e a "infalibilidade do Papa". [14]

Em 1872, os bispos de Olinda, D. Vital Maria Gonçalves de Oliveira, e o de Belém D. Antônio de Macedo resolveram atender às ordens de Roma e expulsaram os maçons das organizações religiosas. Naquela época, a Maçonaria se encontrava infiltrada na Igreja em Pernambuco, fato que levou D. Vital a se levantar contra essa instituição, proibindo inúmeras vezes os padres de celebrarem missas encomendadas pelos maçons. Soma-se a esta delicada situação o fato da imprensa maçônica atacar os dogmas da Igreja Católica, o que fez com que D. Vital, a 21 de novembro de 1872 escrevesse uma carta pastoral ao clero, acautelando, seus padres e colaboradores a estarem premunidos a respeito das doutrinas pregadas pela Maçonaria. [15]

A Maçonaria, na figura do Grão Mestre do Lavradio, o Visconde do Rio Branco – Presidente do Conselho de Ministros – ofendida com a reação do bispo, que invocava textos pontifícios não *placitados* pelo governo imperial para atacar a imagem da instituição, utilizou-se de sua forte presença no Gabinete e no Senado para desencadear uma guerra pelos jornais contra o episcopado brasileiro. Neste sentido, em 17 de maio de 1873, Visconde do Rio Branco em discurso no Senado defendeu com vigor os princípios maçônicos contra as acusações da Igreja.

> Eu entrei na maçonaria há muitos annos, e nunca vi que ella se ocupasse com a religião nem com a política do Estado: foi sempre a meus olhos, pela experiência que tenho, uma associação destinada a socorrer os seus membros e a promover o aperfeiçoamento moral e intellectual do homem. Se ella faz pouco neste empenho, se tem ereado poucas escolas, os

[13] *Ibíd*., 33.
[14] *Ibíd*., 38.
[15] João Evangelista Martins Terra, *Maçonaria* (Lisboa: Communio 62, 1993), 158.

REHMLAC **ISSN 1659-4223** | **52**
Vol. 3, Nº 1, Mayo 2011-Noviembre 2011

> actos de beneficência são incontestáveis (apoiados); muitas famílias recebem auxílios dessas sociedades, que se pretende estygmatisar, a que se pretende mesmo negar os foros de cidade no Brazil.[16]

O Conselho de Estado considerava o interdito ilegítimo porque a excomunhão não respeitava a Constituição Brasileira de 1824, que garantia ao Imperador o direito do beneplácito. Assim, a indicação de bispos, arcebispos, cardeais, superiores de ordens e beneficiários, além da autorização de bulas e breves papais deveriam receber a autorização de D. Pedro II. Na sessão do Senado de 24 de maio de 1873, o discurso pronunciado pelo Sr. Alencar Araripe elucidava alguns pontos desta questão e ao mesmo tempo denunciava a desobediência dos bispos perante as leis imperiais.

> Lamento profundamente que o nosso episcopado não conheça o perigo, e tente a árdua empreza contra as attribuições da autoridade civil (Apoiados), sonhando com a restauração de uma ordem de cousas que jamais voltará. Longe vai a época do domínio temporal do clero, e essa época não figurará mais na historia futura da humanidade.O estudo do que entre nós se passa demonstra que resurgio a idéa de restabelecer um domínio decahido; e para rehabilitar a supremacia do poder temporal no episcopado, os nossos bispos planejarão investir contra a associação maçônica, e depois proceder, em aberta resistência, contra o próprio poder civil. Havião bullas papaes excommungando os maçons; portanto os bispos brasileiros, na execusão do seu plano, devião começar dizendo que a associação estava condemnada, e que não podia existir porque merecia a reprovação da igreja.[17]

É interessante observar que o agravamento do conflito possibilitou algo que parecia impossível no Brasil: a união entre os dois Grandes Orientes. Os dois grão-mestres, Rio Branco e Saldanha Marinho, convocaram os maçons de todo o Brasil para a batalha que se ia travar contra a Igreja. Os jornais maçônicos se agitaram: *A Família* do Rio de Janeiro*; A Família Universal* e *A Verdade,* de Pernambuco*; O Pelicano,* do Pará*; A Fraternidade,* do Ceará*; A Luz,* do Rio Grande do Norte*; A Laborum*, de Alagoas*; O Maçom,* do Rio Grande do Sul. Em vários pontos do país, foram fundados novos jornais com a finalidade confessada de combater o que chamavam "ultramontanismo" ou "jesuitismo". Essa imprensa sectária era liderada, principalmente, por Saldanha Marinho, sob o pseudônimo de Ganganelli. Palavras como padrecos, ferrenhos detratores, maltrapilhos, capadócios de grande força, irrisórios pedagogos, sicofantas, tornaram-se comum nestes textos.[18]

[16] Defesa da Maçonaria no Parlamento Brasileiro pronunciado no Senado pelo Sr.Visconde do Rio Branco (Presidente do Conselho de Ministros) e Alencar Araripe (Membro da Camara Temporia) Ouro Preto Typ. do Echo de Minas, 1873, 4.
[17] Martins Terra, 9.
[18] *Ibid*., 156.

REHMLAC **ISSN 1659-4223** | **53**
Vol. 3, Nº 1, Mayo 2011-Noviembre 2011

O governo imperial tentou tranquilizar os ânimos enviando o Barão de Penedo até Roma. Em carta, o papa Pio IX pediu aos clérigos brasileiros para terem mais cautela e tolerância, mas a correspondência papal não chegou a tempo e o agravamento da crise foi inevitável. O bispo de Olinda, acusado perante o Supremo Tribunal, foi preso e recolhido ao arsenal da marinha do Recife, a 2 de janeiro de 1874. Na sessão do julgamento apresentaram-se para defendê-lo o Conselheiro Zacarias de Góis e Vasconcelos e o senador Cândido Mendes de Almeida. Todavia D. Vital foi condenado a 4 anos de prisão com trabalhos forçados. Por decreto de 12 de março, foi-lhe comutada a pena a prisão simples na fortaleza de São João, no Rio de Janeiro. [19]

A reação negativa da opinião pública nacional e internacional levou ao desgaste e, consequentemente, a queda do Gabinete Conservador liderado por Rio Branco. Em resposta, o Imperador nomeia outro conservador, Luiz Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, para chefiar o novo Gabinete. Duque de Caxias também era maçom, mas condicionou a aceitação do Ministério à concessão da anistia aos dois bispos. Fez ver ao Imperador que a solução da anistia incondicional dos prelados era a única medida capaz de estancar a crise. [20]

Finalmente, em 17 de setembro de 1875, o governo decidiu recuar e assinou o decreto que libertava os clérigos, colocando um fim à Questão Religiosa, que se arrastava por três longos anos. Entretanto os ataques continuavam de ambos os lados, demonstrando que o impasse ainda permanecia entre as duas instituições. Do lado maçônico as críticas à hierarquia clerical, à intervenção nos assuntos civis e o atraso representado pelo catolicismo permanecia em pauta. Em conferência realizada, no dia 21 de julho de 1876, no Grande Oriente Unido do Brasil, o orador Ruy Barbosa elucidou de forma precisa os contornos dessa situação.

> Subscrever á falsidade ultramontana, confessar em si chagas que está consciente de não ter, sentar-se resignada e humildemente no muladar de vilependio que lhe indicam e murmurar, na inércia, as palavras de Job? Não!Nunca! (Bravos, Apoiados Geraes). Não seria simplesmente suicídio, mas pusillanimidade; não seria unicamente ruína, mas covardia; não seria só aniquilamento, mas apostasia, deserção, opprobrio... (Aplausos) [21]

Segundo Ruy Barbosa, a Questão Religiosa foi antes de tudo uma "Questão Política", uma disputa travada entre a ortodoxia religiosa e o legalismo monárquico. Em meio a esta situação, a Maçonaria foi tomada como "bode expiatório". Por isso, para Ruy Barbosa, a luta dos maçons deveria continuar no sentido de construir um Estado laico e secular.

> Eis a pedra de tropeço, pedra de escândalo entre elles e vós. Eis o nosso symbolo, o segredo immortal da nossa força: o crente emancipado na igreja, a igreja livre no Estado, o Estado independente da igreja. Eis o nosso terreno, onde os legisladores somos nós, não

[19] *Ibíd*., 161.
[20] *Ibíd*., 162.
[21] Ruy Barbosa, *Novos Discursos e conferencias. colligido e revisto por Homero Pires* (São Paulo. Editores Livraria Acadêmica. Editora: Saraiva & Cia., 1933), 12.

REHMLAC ISSN 1659-4223 | 54
Vol. 3, Nº 1, Mayo 2011-Noviembre 2011

> o papa, onde os decretos são os do nosso parlamento, não os da cúria. Trata-se de nossas pessoas, de nossas almas, de nossa prosperidade individual e collectiva, de nossa incommunicavel responsabilidade perante Deus.[22]

No âmbito internacional, o clima hostil entre a Maçonaria e a Igreja parecia não ter fim. Em 1879 a Maçonaria francesa declarava apoio incondicional a todos os elementos que tinham interesse em combater o catolicismo. Em resposta, os setores católicos intensificaram ainda mais a propaganda antimaçônica, que assumiu as formas mais diversas, desde as declarações do Magistério Romano e de livros sérios, até panfletos, destituídos de todo rigor científico, que utilizavam argumentos muitas vezes fantasiosos. Dentre estes últimos, destacamos *Os mistérios da franco-maçonaria revelados* (1885), de autoria do ex-maçom e jornalista francês Gabriel Jogand Pages, mais conhecido como Leo Taxil. Rapidamente esta obra se tornou um best-seller da época, difundindo ainda mais a narrativa antimaçônica nos meios católicos.

Taxil "revelava" ao mundo a existência de uma ordem maçônica secreta chamada *Palladium*, no interior da qual haveria maçons incorporados pelo demônio. Nos rituais os maçons dançavam ao redor de Baphomet, uma criatura pagã cultuada pelos Templários que possuía um corpo humano com cabeça de bode. Além disso, o livro descrevia o aparecimento pessoal de Satanás em rituais maçônicos – "aparentemente ele tomou a forma de um crocodilo e tocou piano" – e os laboratórios secretos sob Gibraltar onde demônios fabricavam germes de pestilência para devastar a Europa católica.[23]

O livro ficou tão famoso que Taxil ganhou uma audiência com o papa Leão XIII, em 1887. Depois do encontro, o Vaticano patrocinaria sua campanha antimaçônica e a publicação de vários outros livros.

> Desde minha admissão sob o estandarte da Igreja, estava bem convencido de uma verdade: que não saberia ser um bom ator se não me metesse na pele do personagem que representava; se não acreditasse - ao menos de momento - que estava acontecendo. No teatro, se representa uma cena de desespero, não se pode dissimular as lágrimas; o cômico enxuga com seu lenço olhos secos; o artista chora realmente. Por esta razão, durante toda a manhã que precedeu minha recepção, concentrei-me na situação de uma forma tão completa que estava pronto para tudo e era incapaz de dar um tropeço, apesar de toda surpresa. Quando o Papa me perguntou: - Filho meu, que desejais? Respondi-lhe: - Santo Padre, morrer a vossos pés, agora, neste momento... Seria minha maior sorte...Leão XIII se dignou dizer-me, sorrindo, que minha vida era mais útil, todavia, para os combates da fé. E abordou a questão da Maçonaria. Tinha todas minhas novas obras em sua biblioteca particular; ele as havia lido de cabo a rabo e insistiu no direcionamento satânico da seita. [24]

[22] Barbosa, 13.
[23] Leo Taxil, "Conferência". http://www.guatimozin.org.br/artigos/taxil_confer.htm (Acesso em: 05 de Janeiro de 2009).
[24] *Ibid*.

REHMLAC ISSN 1659-4223 | 55
Vol. 3, Nº 1, Mayo 2011-Noviembre 2011

Finalmente, em 1897, Taxil comunicou que iria reunir um grupo de pessoas para apresentar uma senhorita que desejava renunciar a Satã e converter-se ao catolicismo. No dia marcado, o salão encontrou-se abarrotado de religiosos, maçons e jornalistas e, surpreendentemente, Taxil informou que nada havia de revelar, porque nunca havia existido a tal Ordem *Palladium* e que tudo não passava de uma brincadeira que visava ridicularizar a credulidade católica.

> Não vos aborrecei, meus reverendos Padres, riais melhor, com vontade, ao saber hoje que o que aconteceu é exatamente o contrário do que acreditastes ter acontecido. Não houve, de modo algum, nenhum católico que se dedicou a explorar a Alta Maçonaria do paladismo. Pelo contrário, houve um livre-pensador que para seu proveito pessoal, de modo algum por hostilidade, veio passear por vosso campo, durante onze anos, talvez doze; e... é vosso servidor. Não há o menor complô maçônico nesta história e o provarei imediatamente. É preciso deixar Homero cantar os êxitos de Ulisses, a aventura do legendário cavalo de madeira; esse terrível cavalo não tem nada que ver no caso presente. A história de hoje é muito menos complicada.[25]

A lição de Taxil para aquela plateia era clara "o demônio só existe na cabeça de quem acredita". Entretanto parecia que a lição de Taxil não foi aprendida, pois apesar de todos terem ouvido de modo indignado a sua confissão, seria tarde demais para a Maçonaria. Sua imagem já se encontrava solidamente associada às práticas satânicas, rituais macabros e, principalmente, à incômoda figura de Baphomet.

Segundo Marco Morel, nem só de histórias bíblicas, heroicas e exemplares é constituído o conjunto lendário que explica as origens da Maçonaria e alimenta o imaginário acerca desta sociedade. Há também aquelas narrativas que, ao contrário de enaltecer e legitimar a organização dos Pedreiros-Livres, procuram desqualificá-la, relacionando sua origem e seus objetivos com tudo o que há de mais obscuro e contrastante com os valores morais, principalmente, no que se refere àqueles advindos da cultura cristã. Seja por razões de natureza religiosa, por desavenças políticas ou tão somente com o intuito de criar polêmica, o fato é que as chamadas narrativas antimaçônicas são tão ou mais abundantes do que as elaboradas pelos próprios maçons. Aliás, são também mais criativas e pitorescas, o que as tornam mais populares e frequentes na imaginação coletiva. Não obstante a constante referência a elementos esotéricos, assim como a representações do imaginário cristão como o inferno e o diabo, todos os escritores antimaçônicos, ironicamente, procuraram dar um caráter de cientificidade aos seus relatos, embasando-os, no dizer destes, em uma "sólida" documentação e metodologia. [26]

[25] Taxil.
[26] Marco Morel & Françoise Jean de Oliveira Souza, *O poder da Maçonaria: a história de uma sociedade secreta no Brasil* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008), 35.

REHMLAC ISSN 1659-4223 56
Vol. 3, Nº 1, Mayo 2011-Noviembre 2011

Não obstante, a Maçonaria adentrava o século XX como sinônimo de anticlericalismo e antiecclesiasticismo. Nas palavras de Leão XIII, a Ordem maçônica representava a própria

anticristianismo. Nas palavras de Leão XIII, a Ordem maçonica representava a propria materialização do Diabo.

> Nesta empreitada insana e pervertida nós quase podemos ver o ódio implacável e o espírito de vingança com o qual o próprio Satanás está inflamado contra Jesus Cristo – Do mesmo modo o estudado esforço dos Maçons para destruir as principais fundações da justiça e honestidade, e para cooperar com aqueles que desejarem, como se fossem meros animais, fazer o que eles quiserem, tende somente para a ignominiosa e desgraçada ruína do gênero humano.[27]

Os novos elementos de uma velha narrativa: o mito da conspiração judaica-maçônica-comunista

É interessante observar que o mito da "conspiração maçônica" não permaneceu estático em sua forma, vindo a se modificar com o tempo e adequando-se conforme o contexto histórico em que estava inserido. No Brasil, por exemplo, o mito adquiriu uma nova roupagem nas primeiras décadas do século XX, transformando-se numa versão contemporânea das antigas teorias dos *Protocolos dos sábios de Sião.* Neste sentido, um dos principais autores foi o acadêmico Gustavo Barroso, que além de traduzir e comentar os *Protocolos...* também elaborou uma série de livros que fortaleciam a idéia da ligação da Maçonaria com o comunismo soviético e de ambos com o estado de Israel.

Os argumentos de Gustavo Barroso apoiavam-se, sobretudo, numa literatura estrangeira que incitava as ditas "teorias conspirativas". Os autores Léon de Poncins e Emmanuel Malynski a todo o momento são referenciados no livro. Mas foi talvez a proximidade que Barroso mantivera até 1938 com clássicos anti-semitas sua maior fonte de inspiração. O autor acreditava que por traz da história contada publicamente existia uma muito mais importante e, por isso mesmo, escondida do resto da sociedade.

Na perspectiva de Maria Luiza Tucci Carneiro, os conceitos e valores anti-semitas sustentados por Barroso foram alimentados através de seus freqüentes contatos com a Alemanha, o que lhe rendeu um conhecimento aprofundado da literatura nazi-fascista. Além disso, a autora salienta que, apesar da temática polêmica, suas obras foram reeditadas sucessivamente, o que nos permite afirmar que existia um público no Brasil e no exterior, consumidor e apreciador das suas idéias. Alguns de seus trabalhos foram publicados em outros países, como, *Roosevelt é Judeu* traduzido para o castelhano por Mario Buzatto na Argentina, em 1938, nos *Cuadernos Antijudios*. Para Carneiro, Barroso não estava completamente isolado em sua postura, pois intelectuais do

[27] Ver : "Bula Humanus Genus". http://www.vatican.va/holy_father/leo_xiii/encyclicals/documents/hf_lxiii_enc_18840420_humanum-genus_po.html . (Acesso em: 03 de novembro de 2008).

Sigma, em vários momentos, pronunciaram conferências sobre o racismo alemão, não escondendo sua admiração pelo Reich e pelo Führer, pela nova Itália e por Mussolini. [28]
Além disso, como sabemos, os *Protocolos* são reconhecidamente um dos maiores *best-sellers* do mundo. Vários pesquisadores já despenderam enormes esforços, a fim de esmiuçar o conteúdo deste polêmico clássico. Alguns estudiosos acreditam que na classificação mundial dos *best-sellers*, a obra apareça em segundo lugar, logo depois da Bíblia. Trata-se provavelmente de um exagero, mas o que é certo, é que novas edições dos *Protocolos* apareceram nos quatro cantos do mundo.[29]

Conforme sugeriu o historiador italiano Carlo Ginzburg, o clássico foi inspirado num texto de 1864, intitulado *Dialogue aux Enfers entre Maquiavel e Montesquieu,* de autoria do jornalista francês Maurice Joly. Deste modo, os *Protocolos* seriam a fortuna póstuma do referido

jornalista francês Maurice Joly. Deste modo, os *Protocolos* seriam a fortuna póstuma do referido texto. A obra, publicada pela primeira vez na Rússia em 1903, teria como autor um membro da polícia secreta do Czar Nicolau II. O texto, apresentado em forma de ata, foi supostamente redigido num Congresso realizado em Basiléia no ano de 1807, onde sábios maçons, judeus, bolcheviques, rosacruzes, enfim, todas as elites das sociedades secretas, estavam reunidas em torno de um único ideal, a destruição do cristianismo. Com a Revolução Bolchevique de 1917, ocorreu definitivamente a materialização deste mal. Para as forças reacionárias, esse episódio fora revelado pelos *Protocolos*, alguns anos antes.[30]

Por volta de 1919, apareceu na Alemanha a primeira tradução do livro, vários comentários e notas foram anexados ao documento, dando ênfase especial à "Conspiração Sionista" que ameaçava as monarquias e as igrejas cristãs. Foi a partir desta versão, nitidamente direcionada, que os *Protocolos* chegaram à Inglaterra, Espanha, França, Portugal. .. espalhando-se incrivelmente pelo globo. Na análise de Ginzburg, esta foi a obra que melhor ilustrou a versão moderna do anti-semitismo, pois todas as indicações de cunho religioso e econômico, características da cultura judaica, são organizadas no texto, como mecanismos de atuação política.[31]

Em 1936, o livro foi traduzido e comentado por Barroso. A obra lhe foi apresentada logo que ingressou na AIB em 1933. Até então o autor dizia-se um leigo no assunto e não tinha escrito nada com relação ao anti-semitismo.

> Quando entrei para o Integralismo, era já um escritor mais ou menos conhecido, com algumas dezenas de obras publicadas. O meu publico poderia estar que eu nunca escrevera uma palavra contra os judeus. Sabia alguma coisa a respeito da questão, mas não o bastante para me imprimir uma atitude espiritual. Foi o Integralismo que me tornou anti-judaico. A primeira pessoa que comigo conversou profundamente sob o judaísmo foi

[28] Maria Luiza Tucci Carneiro, "Sob a máscara do nacionalismo. Autoritarismo e anti-semitismo na Era Vargas. (1930-1945)". http://www.tau.ac.il/eial/I_1/carneiro.htm. (Acessado 10 de março de 2009)
[29] Carlo Ginzburg, *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício* (São Paulo: Companhia das Letras, 2007), 201.
[30] Carneiro, 201.
[31] *Ibid*., 202.

> o chefe nacional Plínio Salgado. A segunda, o companheiro Madeira de Freitas, que me emprestou para ler a edição francesa dos Protocolos dos Sábios de Siao, obra que eu não conhecia. Os estudos para a feitura do livro Brasil: Colônia de banqueiros desvendaram-se os últimos mistérios da organização secreta do judaísmo. Passei então, a dar-lhe combate, baseado na doutrina e palavra de Plínio.[32]

Os comentários acrescentados por Barroso ao longo dos 24 capítulos em que se constituem o livro, na perspectiva de Jefferson William Gohl, atribuem uma importância maior a Maçonaria na ordem do complô. Ou seja, a apropriação dos originais dos *Protocolos* por Barroso e suas notas explicativas emprestou um segundo plano de leitura que conferiu à Maçonaria um poder até mais significativo que teria nos originais. [33] O livro obteve uma boa receptividade, prova disso é que ainda em 1936, mais uma edição foi lançada, e em 1937 a obra já estava em sua terceira edição. Igualmente ao que ocorreu na Rússia, quando o livro só ficou famoso após a Revolução de 1917, no Brasil os *Protocolos* também só atingiram respaldo depois da chamada "Intentona Comunista" de 1935.

Figura 1
Capa do livro *Os Protocolos dos Sábios de Sião*

Fonte: Gustavo Barroso, Os Protocolos dos Sábios de Sião. (São Paulo: Editora Minerva, 1936).

Nos comentários acrescidos por Barroso, a Maçonaria além de controlar as agências de informações internacionais, manipulando e disseminando as notícias de acordo com as

[32] Gustavo Barroso, *Reflexões de um Bode* (Rio de Janeiro: Gráfica Educadora, 1937), 161- 162.
[33] Jefferson William Gohl, "O real e o Imaginário: A Experiência da Maçonaria na Loja União III em Porto União da Vitória -1936 a 1950" (Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal do Paraná, 2003), 60.

"necessidades do judaísmo", estaria comandando também os vários levantes extremistas. As acusações eram no sentido de demonstrar que atualmente o *Kahal*, ou poder secreto judeu, trabalhava na articulação da Revolução comunista que se queria impor ao Brasil. Esta "ameaça" crescia à medida que se aproximavam as eleições de 1938, por isso desqualificar os oponentes rotulando-os como maçons e/ou comunistas foi uma tática muito bem empregada pelo Chefe das Milícias integralistas.

> O líder comunista João Mangabeira tem toda a razão quando afirma no seu Manifesto que o Sr. Jose Américo de Almeida é espiritualmente da esquerda. O antigo ministro da Viação nega ser maçom e diz-se católico: mas quem conhece a sua obra de escritor realista e freudiano não pode acreditar nessa afirmação dos dentes para fora. O que ele mostra ser no que escreve é um espírito anti-religioso, anti-clerical, maçônico e imoralista, virtualmente demolidor, que nada respeita e que tem o prazer masochista das causas imorais... Vamos documentar o que estamos dizendo, serenamente, com os próprios escritos do candidato à presidência da Republica. [34]

Na perspectiva de Barroso o nexo de união entre judeus e maçons, naquilo que ele chamou de complô "judaico-cabalista-maçónico", era o ódio comum pela religião católica. Na argumentação do teórico integralista, o plano judaico de dominação do mundo, só não tinha sido ainda estabelecido devido a "vigilância e energia" dos governos cristãos, que impediam que se realizasse este programa. Com estas revelações, Barroso acreditava ter encontrado o fio da meada podendo desvendar um dos primeiros grandes segredos da história, o fato de que no passado os judeus agiram escondidos nas antigas corporações dos Pedreiros Livres, mas, que atualmente, eles se concentravam, sobretudo nas agremiações judaicas-comunistas, criadas no Brasil desde a década de 1920. Para o autor, era "farinha do mesmo saco judaísmo e comunismo" que juntos lutavam contra a civilização cristã e a atual ordem social.

Considerações finais

Talvez o maior mérito deste trabalho fosse tentar demonstrar a importância que a narrativa

Talvez o maior mérito deste trabalho fosse tentar demonstrar a importância que a narrativa antimaçônica possui para o entendimento da história da Maçonaria no Brasil. Neste sentido, foi possível constatar que o "poder" da Maçonaria está tanto em sua capacidade de inserção e influência na sociedade "profana", quanto na reação negativa que esta inserção e influência despertaram em setores que concorriam pelos mesmos espaços sociais. Ao contrário do que seria de se esperar, todo esse conjunto lendário antimaçônico não gerou somente efeitos nocivos à sociedade maçônica. Isto porque tais narrativas acabaram criando uma supervalorização do papel da Maçonaria nos destinos da história mundial.

[34] Barroso, 2.

REHMLAC **ISSN 1659-4223 60**
Vol. 3, Nº 1, Mayo 2011-Noviembre 2011

Quanto mais os detratores da Ordem reafirmavam sua imagem conspiratória, mais eles colaboravam para que os Pedreiros Livres emergissem como importantes agentes históricos. Aos olhos da sociedade isto acabou propagandeando a Maçonaria e tornando-a bem mais poderosa do que, de fato, ela foi. Deste modo, mesmo sabendo que a instituição maçônica possuía outras finalidades, podemos perceber que a partir do momento em que os maçons conquistaram maior visibilidade social e, conseqüentemente, começaram a requerer maior participação política, criou-se um ambiente potencialmente conflituoso. No Brasil esta situação ficou ainda mais delicada com a proclamação da República em 1889 e, sobretudo, a partir da enorme presença de Pedreiros Livres nos quadros da política federal, estadual e municipal.

Assim, para além das tradicionais denúncias de satanismo ou de agentes da conspiração revolucionária, Gustavo Barroso também procurou dar um tom político atual as suas acusações. Deste modo, os ideais maçônicos de igualdade e fraternidade universal foram associados à ideologia comunista. O autor defendia a idéia de que somente os altos graus da Maçonaria conheciam os verdadeiros planos da Ordem, enquanto a grande maioria era ludibriada. Igualmente, afirmava que os trabalhadores iludidos pelos ideais igualitários do comunismo eram levados num caminho sem volta. Não obstante, outra estratégia adotada foi demonstrar que maçons, judeus e comunistas eram todos elementos estranhos à cultura brasileira e por isso deveriam ser combatidos.

Sem dúvida, as transformações políticas, econômicas e culturais ocorridas pelo aumento da imigração contribuíram para insuflar em Barroso o temor por tudo àquilo que vinha do estrangeiro e, que em última instância, poderia perturbar a "velha ordem". Além do mais, o intelectual sabia que o Partido Comunista recrutou entre os imigrantes um número expressivo de novos adeptos e que era real a presença de imigrantes judeus ligados ao "campo socialista".

Não obstante, mais uma vez, a tese de Girardet é reforçada, pois segundo ele nos momentos de crise o mito do complô ressurgiria com força total. Dessa maneira, por baixo das grandes ondas da história humana fluiria a corrente subterrânea e furtiva das sociedades secretas, que freqüentemente determinam, nas profundezas, as mudanças que serão feitas na superfície. Diante de tais "evidências", ou na impossibilidade de refutar tais acusações o mais prudente e seguro parece ser acreditar na Maçonaria como uma sociedade poderosa e onipresente. [35] Pois como vimos o próprio mito do complô maçônico surgiu como conseqüência dos abalos causados pela Revolução Francesa e pelo advento da modernidade. Diante de transformações tão rápidas e profundas, difíceis de explicar e de digerir, as pessoas buscavam formas de tornar o destino novamente inteligível ou, ao menos, coerente. Para tal, bastava encontrar um agente a quem pudesse incutir todas as responsabilidades. Sendo a Maçonaria uma sociedade fechada e cercada de mistérios, ela acabava por reunir todas as características que fariam dela o "bode expiatório"

da vez.

[35] Girardet, 12.

Bibliografia

Barbosa, Ruy, *Novos Discursos e conferencias. colligido e revisto por Homero Pires* (São Paulo. Editores Livraria Acadêmica. Editora: Saraiva & Cia., 1933).

Barroso, Gustavo, *Reflexões de um Bode* (Rio de Janeiro: Gráfica Educadora, 1937).

"Bula Humanus Genus". http://www.vatican.va/holy_father/leo_xiii/encyclicals/documents/hf_lxiii_enc_18840420_humanum-genus_po.html.

Colussi, Eliane Lúcia, *A Maçonaria Gaúcha no Século XIX* (Passo Fundo: Editora UPF, 2000).

Ginzburg, Carlo, *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício* (São Paulo: Companhia das Letras, 2007).

Girardet, Raoul, *Mitos e mitologias políticas* (São Paulo: Companhia das Letras, 1987).

Gohl, Jefferson William, "O real e o Imaginário: A Experiência da Maçonaria na Loja União III em Porto União da Vitória -1936 a 1950" (Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal do Paraná, 2003), 60.

Gueiros Vieira, David, *O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa Brasil* (Brasília: Editora Universidade de Brasília).

Martins Terra, João Evangelista, *Maçonaria* (Lisboa: Communio 62, 1993).

Morel, Marco & Oliveira Souza, Françoise Jean de, *O poder da Maçonaria: a história de uma sociedade secreta no Brasil* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008).

Taxil, Leo, "Conferência". http://www.guatimozin.org.br/artigos/taxil_confer.htm.

Tucci Carneiro, Maria Luiza, "Sob a máscara do nacionalismo. Autoritarismo e anti-semitismo na Era Vargas. (1930-1945)". http://www.tau.ac.il/eial/I_1/carneiro.htm.

Véscio, Luiz Eugênio, *O crime do Padre Sório: Maçonaria e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1893-1928)* (Santa Maria: EDUFSM; Porto Alegre: EDUFRGS, 2001).

Universidad Autónoma del Estado de México
Sistema de Información Científica Redalyc ®
Versión 2.2 | 2015
redalyc@redalyc.org

OPEN ACCESS